

IGOR ALCANTARA
TRINTA E TRÊS



Trinta e Três

Igor Alcantara

Trinta e Três

1^a Edição

Igor Raphael de Alcantara

2013

Igor Alcantara

Sobre este Livro

Trinta e Três

Primeira Edição, 2013

ISBN: 978-85-912003-4-4

Textos de autoria de Igor Alcantara

Capa e arte final: Leonardo L. Sá

Revisão: Mariana Lima

Contato:

leitor@igoralcantara.com.br

<http://www.igoralcantara.com.br>

<http://facebook.com/alcantaraigor>

ATENÇÃO: Este documento contém apenas as primeiras páginas do livro e não a obra completa.

Para saber mais sobre este livro e demais obras do autor, acesse a página pessoal do mesmo:

<http://www.igoralcantara.com.br>

Sinopse

E se Jesus tivesse nascido no Século XX? E se ele fosse brasileiro? Esta é uma obra de ficção que se passa durante trinta e três anos, entre 1940 e 1974 onde personagens imaginários interagem com personalidades reais em uma história que prende o leitor até o fim.

Trinta e Três não é um livro que fala sobre religião. Esse tema não é abordado em momento algum. A obra trata das relações humanas no conturbado período histórico brasileiro que vai da Segunda Guerra Mundial até a Ditadura Militar.

Os três personagens principais: Emanuel, humilde filho dos pernambucanos José e Maria, Saulo de Tarso, herdeiro de uma família com longa tradição militar, e o misterioso Israel, um jovem comunista que desde cedo aprende a contestar a quem ele chama de os "donos do poder", percorrem caminhos diferentes até suas vidas se cruzarem.

Quem, afinal, estava certo? Militares, comunistas ou nenhum deles? Leia e tire suas próprias conclusões.

Capítulo 1

O ano de 1940 já chegava ao seu final. A Europa sofria com a Segunda Guerra Mundial e a Alemanha comandada por Hitler parecia imbatível, já tendo conquistado boa parte do continente e iniciando as ofensivas aéreas contra a Inglaterra. O Brasil do presidente Getúlio Vargas, apesar de mostrar simpatia pelos governos fascistas, mantém-se neutro. As atenções todas se voltavam para o conflito global e acontecimentos de grande importância passaram despercebidos.

Meses antes, enquanto a Finlândia sucumbia perante as tropas soviéticas, Maria sentia-se mal e seu pai a levava para a cidade em uma carroça puxada por uma jumenta já velha. Ela foi examinada pelo Dr. Gabriel, um dos raros médicos daquele lugar distante. Ele rapidamente diagnosticou a causa dos enjoos: ela estava grávida.

Maria era uma jovem mulher de personalidade doce. Todos que a conheciam elogiavam sua bondade. Ela era, nas palavras de quem a conhecia, virgem de coração, pois sentimento negativo algum jamais passou por sua cabeça.

Ela pouco tempo depois se casou com José de Carvalho, membro de uma tradicional família da cidade de Serra Talhada, sertão de Pernambuco. Orgulhosos de sua condição, os Carvalho almejavam que seus filhos fizessem bons casamentos capazes de manter o patrimônio da estirpe.

José, no entanto, não gostava da ideia de que seu casamento fosse um negócio decidido por seu pai. Ele era um homem romântico

Trinta e Três

que desejava que o amor fosse o único critério que fizesse ele mesmo escolher sua esposa.

Foi no ano de 1938, no mesmo dia em que Lampião e seu bando foram assassinados, que a vida de José mudou. Ele passeava pela feira da cidade quando viu uma bela moça vendendo verduras junto a seus pais. Era Maria. Ao vê-la, José interessou-se por ela e em pouco tempo estava apaixonado.

Após alguns minutos de conversa, o jovem percebeu que a garota também havia se interessado por ele. Poucos dias depois ele foi a casa dela pedi-la em namoro para seus pais, que aceitaram com felicidade. Começou ali o relacionamento que logo seria conhecido por toda a cidade.

José via em Maria a companheira de seus sonhos e logo decidiu que era com ela que deveria se casar. O problema era que seu pai, o Coronel Jacó de Carvalho, era contra aquele relacionamento por Maria ser de família muito humilde. Por este motivo, ele ordenou que os dois não se encontrassem novamente.

O namorado de Maria sempre fora obediente ao pai, chegando mesmo a ajuda-lo na administração das fazendas. Todavia, aquele era um momento em que precisava impor sua vontade. Por este motivo, ele desacatou ao pai e continuou a se encontrar com sua amada, mas agora em segredo.

Foram vários meses de encontros escondidos. Alguns amigos íntimos o ajudavam na empreitada, que contava com apoio das

mães de ambos. Assim eles iam vivendo, contando que um dia o coração do Coronel cedesse ao amor dos jovens.

A gravidez inesperada de Maria apressou todas as coisas. A família Carvalho tinha que zelar pela honra e, mesmo a contragosto, proporcionou o casamento o mais rápido possível era o certo a se fazer. O casal, agora noivo, não poderia ter ficado mais feliz.

Foi ainda em maio de 1940, quando a barriga de Maria ainda não se destacava, que Monsenhor Jesus Garcia Riaño, o pároco da cidade, celebrou com alegria a união dos dois. A festa durou o fim-de-semana inteiro e foi comentada em toda a região.

A desobediência de José em relação a seu pai não ficou impune. Ao rapaz foi dada apenas uma pequena propriedade às margens do rio Pajeú aonde ele deveria, por conta própria, garantir o próprio sustento e de sua nova família. Nenhuma ajuda a mais ele recebeu, ficando em uma condição de quase exílio.

José vivia agora uma nova realidade. Sem o auxílio financeiro de seu pai, ele passou por grandes dificuldades, chegando mesmo a ter dias em que nada havia para comer. O rapaz teve que aprender a trabalhar em seu pequeno sítio para que assim o plantio pudesse lhe garantir o sustento. No entanto, a seca, presente em boa parte do ano, tornou tudo muito mais difícil. Nem mesmo o parentesco com o prefeito José Bené de Carvalho foi capaz de melhorar sua situação, já que a família lhe virou as costas.

Foi neste ambiente de poucos recursos que Maria deu seguimento à sua gravidez. Apesar das dificuldades, a gestação transcorreu sem

Trinta e Três

maiores problemas e em uma noite estrelada no quarto dia após o solstício de verão um choro foi ouvido: nascia Emanuel, primeiro filho do humilde casal.

O parto aconteceu na distante residência onde moravam. Quando Maria começou a sentir as contrações, não havia tempo hábil para ir até ao hospital da cidade. Como testemunha tiveram apenas as estrelas do céu, em especial uma que brilhava com inigualável intensidade.



Naquela mesma hora, na distante cidade de Porto Alegre, a esposa do Major Sérgio de Tarso dava à luz ao seu primeiro filho em um hospital da capital gaúcha. Major Tarso, como era conhecido fora do meio familiar, não estava presente no parto, ele encontrava-se em importante treinamento burocrático na capital do país, Rio de Janeiro.

O bebê, a quem foi dado o nome de Saulo, já nascia com o peso de um passado de disciplina e ordem. Ele era o mais novo membro de uma família onde todos os homens seguiram a carreira militar desde a época do império. Mesmo sem ainda saber falar, o destino do pequeno já estava definido.

Major Tarso era um experiente militar que logo aos vinte anos de idade participou ativamente da Revolução de 1930 que depôs o presidente Washington Luíz para colocar no poder o gaúcho Getúlio Vargas. Especialmente no Combate de Quatiguá, na divisa entre os estados do Paraná e São Paulo, onde o major ganhou uma

Igor Alcantara

medalha por atos de bravura por ter salvado a vida do Coronel Alcides Gonçalves Etchegoyen em duas oportunidades. Ele ainda participou da Revolução de 1932, de onde voltou manco devido a um tiro recebido na perna, além de várias outras missões que lhe conferiram o respeito de todos da companhia.

Sérgio era filho de um dos aviadores brasileiros que se integraram à Força Aérea Real Britânica na Primeira Guerra Mundial. Seu avô fez fama e dinheiro durante a Guerra do Paraguai e a Revolução Farroupilha. Um de seus tios tinha estado ao lado do governo no Levante Integralista dois anos antes, em 1938. Ele foi, inclusive, um dos responsáveis pela prisão do integralista Plínio Salgado, idealizador da revolução subversiva. Com antepassados tão ligados às forças armadas, só restava ao jovem Saulo a mesma carreira.

Apenas no dia em que sua esposa e seu filho recém-nascido receberam liberação do hospital foi que o major chegou para visita-los. Com um ar severo próprio de seu posto e mancando, o que para ele era uma lembrança de seus atos de bravura, ele chegou ao quarto e nem ao menos quis ver o bebê. Limitou-se a apressar sua mulher para que fossem logo embora para casa.

A família Tarso não era rica, mas tinha uma situação financeira confortável. Uma exceção no país, a renda mensal do lar era maior que suas despesas, o que aos poucos garantia preciosos rendimentos bancários.

Estava nublado na noite em que Saulo nasceu. Uma tempestade de cinco dias alagou alguns bairros distantes da cidade, deixando muitas pessoas desabrigadas. Nenhuma estrela era vista no céu.